

DOCUMENTAÇÃO

O Papa Francisco e os EUA

Será o Papa Francisco um Papa “frio” para com os Estados Unidos? Esta é uma das perguntas que os meios de comunicação social deste país têm feito a propósito da sua primeira visita ao país que, queira-se ou não, lidera o mundo ocidental. Simultaneamente, o Papa Francisco é o primeiro pontífice latino-americano, e é filho de emigrantes. E visitou uma Igreja na qual os hispânicos têm cada vez mais força.

O Papa Francisco nunca havia estado nos Estados Unidos. Desde logo como pontífice. Mas também não como cardeal, arcebispo de Buenos Aires, ou provincial dos jesuítas. Nem sequer como estudante.

Isto é surpreendente quando se pensa nos últimos papas: como Prefeito da Doutrina da Fé, o cardeal Ratzinger manteve contínuos contactos com líderes eclesiais norte-americanos e viajou para esse país, pelo qual manifestou a sua simpatia, pois aprecia que seja um país nascido e fundado “sobre a verdade evidente de que o Criador dotou cada ser humano de direitos inalienáveis”. Quanto a S. João Paulo II, sendo arcebispo de Cracóvia, foi várias vezes aos Estados Unidos, sobretudo para estar com a emigração polaca e, em 1976, passou lá um verão por motivos pastorais e académicos. E não se pode duvidar do seu afeto, correspondido pelos norte-americanos: três presidentes estiveram no seu funeral.

Falta de sintonia

A possível frieza do Papa Francisco nasce, segundo alguns, da sua origem – o Papa é argentino – e da sua opinião crítica dos excessos do capitalismo. Que, por seu turno, provoca distância entre os norte-americanos. A visão do pontífice de que o sistema económico global centrado na maximização dos lucros está a destruir os pobres e o ambiente, provocou polémica num país considerado a sede mundial do capitalismo. “É evidente que o Papa encara os Estados Unidos como parte do problema, tanto como da solução”, diz John Allen, comentarista de temas eclesiais, para quem, muitos dos principais críticos do Papa Francisco “são norte-americanos, tanto de dentro como de fora da Igreja”.

Segundo um dos principais conselheiros do pontífice, o argentino monsenhor Marcelo Sánchez Sorondo, o Papa está

consciente da sua falta de sintonia com os Estados Unidos, embora não se possa afirmar que lhes tenha antipatia. Admira a América do Norte – afirma Mons. Sánchez Sorondo – pelos princípios dos Pais Fundadores, que tiveram influência no movimento de independência da Argentina. Mas também é verdade que na sua visão pesam as repercussões negativas de algumas políticas dos EUA na América Latina.

Quando o capital se converte em ídolo

Na sua recente viagem ao Equador, Bolívia e Paraguai, o Papa Francisco fez uma crítica muito dura do capitalismo desenfreado. Referiu-se “às múltiplas exclusões e injustiças” na atividade laboral, em cada bairro, em cada território (...) realidades destruidoras que correspondem a um sistema que se tornou global, que “impôs a lógica dos lucros a qualquer preço, sem pensar na exclusão social ou na destruição da Natureza”.

Depois seguiu-se a frase talvez mais citada pela imprensa quando se referiu “ao que Basílio de Cesareia – um dos primeiros teólogos da Igreja – chamava ‘o esterco do diabo’, a ambição desenfreada pelo dinheiro que governa. (...) Quando o capital se converte em ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez pelo dinheiro tutela todo o sistema socioeconómico, arruína a sociedade, condena o homem (...)”

Estas palavras provocaram algum alarme nos Estados Unidos. Mas, para o Papa, não se trata de outra coisa a não ser a doutrina de sempre: “O que disse aos movimentos populares é um resumo da doutrina social da Igreja”, respondeu ao jornalista que o interrogava sobre o tema no voo de regresso a Roma.

Pois, como explica o economista Antonio Argandoña, as críticas do Papa ao capitalismo “não têm sido dirigidas ao mercado livre, nem à livre empresa, nem à liberdade de iniciativa, mas às motivações dos seus protagonistas, concretamente ao que ele designa pela lógica dos lucros a qualquer preço”. Argandoña explica no artigo “El capitalismo, la pobreza y el Papa Francisco”: “parece-me que o que está a dizer Francisco, é que esse formidável sistema económico, que trouxe uma prosperidade sem precedentes ao mundo capitalista, depara com problemas, e iniciou um tortuoso caminho que não pode acabar bem, caso não haja retificação a tempo. E retificar não tem a ver com impostos, nem com despesa social, nem com regulamentações, nem com mais Estado, nem com planeamento comunista, mas com mudança de valores. O Papa di-lo claramente: ‘sabemos dolorosamente que uma mudança

de estruturas não acompanhada por uma sincera conversão do coração termina a longo ou a curto prazo por se burocratizar, corromper e sucumbir. Tem de se mudar o coração”. Aquilo que falha no sistema, conclui o professor Argandoña, “não é o mercado, mas a cultura e a ética”.

Os pobres, primeiro

Sendo um dado adquirido que as afirmações do Papa sobre temas de justiça social estão na continuidade com todo o Magistério desde a “Rerum Novarum” de Leão XIII em 1891, a questão é porquê este Papa insistir nestes temas. Para Allen, tem de se observar o seu *background*: “como primeiro Papa proveniente do mundo em vias de desenvolvimento, Francisco traz consigo uma especial preocupação com a pobreza, do mesmo modo que as fases iniciais do pontificado de João Paulo II estiveram centradas no comunismo, e as de Bento XVI no relativismo”.

Claro que isto lhe está a afetar nos números de popularidade nos Estados Unidos. Segundo um inquérito da Gallup de julho deste ano, 59 por cento dos norte-americanos têm opinião favorável sobre Francisco, enquanto no ano passado eram 76 por cento. Os que mais mudaram de opinião sobre este papa são os conservadores, dos quais agora somente 45 por cento lhe são favoráveis, enquanto 68 por cento dos liberais estão a seu lado. Continuando com as sondagens, os católicos são-lhe favoráveis em massa – 89 por cento. 80 por cento dos católicos pensam que o Papa compreende as suas necessidades, e dois terços acreditam que o Papa Francisco irá conseguir levar as pessoas a regressar à fé.

Encontro com as famílias

O motivo específico da viagem foi o Encontro Mundial das Famílias, realizado em Filadélfia. O Papa participou na Festa das Famílias e na Vigília da Oração no sábado 26, e presidiu à Missa do domingo 27 de setembro. Milhares e milhares de pessoas acorreram a esses atos. Os Encontros Mundiais das Famílias foram criados por João Paulo II e têm vindo a realizar-se em cada três anos desde 1994.

Mas os dias de Filadélfia constituíram a parte final da visita. O Papa Francisco entrou nos EUA pela capital, Washington, aonde chegou a 22 de setembro ido de Cuba. A 23, visitou o presidente Obama na Casa Branca e canonizou Frei Junípero Serra no Santuário Nacional da Imaculada Conceição. Na quinta-feira 24, falou ao Congresso dos EUA, sendo o primeiro papa na História a dirigir-se a congressistas e senadores em sessão conjunta, e viajou para Nova Iorque, onde no dia seguinte pronunciou um discurso nas Nações Unidas e teve um encontro inter-religioso no memorial do Ground Zero. À tarde, celebrou Missa no Madison Square Garden. No sábado, de manhã, deslocou-se para Filadélfia.

Na viagem, houve atos especiais, como o encontro com os “sem abrigo” de Washington e a visita a uma escola católica de Harlem (Nova Iorque), onde se reuniu com crianças e famílias imigrantes. Também foi importante o discurso feito no Independence Mall de Filadélfia à comunidade hispânica e outros imigrantes.

Uma viagem com sotaque latino

A viagem teve muito sotaque latino, não só porque o Papa pronunciou vários discursos em castelhano – e incluindo alguns improvisos na sua língua mãe –, como também porque a comunidade hispânica tem cada vez mais peso na Igreja católica nos Estados Unidos.

Como gosta de recordar o arcebispo de Los Angeles, Mons. José Gómez, na sua diocese batizam-se anualmente mais de 100 000 crianças, a maioria delas constituída por filhos de hispânicos, o que significa um número superior ao das crianças católicas batizadas em Nova Iorque, Chicago, Washington e Filadélfia juntas. “O centro de gravidade do catolicismo nos Estados Unidos está a deslocar-se de Leste para Oeste e de Norte para Sul”, conclui o arcebispo de Los Angeles. Em 2013, foram batizadas na Igreja católica, nos Estados Unidos, 713 302 crianças, enquanto que no mesmo ano o fizeram outros 64 121 menores de idade e 38 042 adultos. As “aceitações em comunhão plena” foram 66 413. Nos seminários norte-americanos ensina-se o castelhano, enquanto aos cerca de 500 sacerdotes que são ordenados todos os anos, se acrescentam outros 300 provenientes de outros países, muitos deles latino-americanos.

A brasa e a sardinha

Dentro da própria Igreja norte-americana, existiu igualmente polarização em torno da viagem. E os ativistas de um e outro campo tentaram captar a atenção do pontífice. Como praticamente todos os católicos norte-americanos o apreciam muito, um mínimo acento do Papa Francisco a um tema ou outro, “uma piscadela do Papa, poderia gerar um maravilhoso efeito no campo da visibilidade, e os grupos eclesiais prepararam-se para consegui-lo”, afirma um artigo de “Cruz”, uma página *web* do “Boston Globe”.

A Women’s Ordination Conference, por exemplo, organizou em Filadélfia uma reunião internacional alguns dias antes da chegada do Papa, dispostas a trazer à baila o assunto da ordenação de mulheres.

Também estiveram em Filadélfia representantes da Equally Blessed, uma coligação de organizações pró-direitos LGTB, que quer que a Igreja seja mais aberta a estes grupos, e inclua o sacramento do casamento para casais do mesmo sexo. No total, foram 12 famílias católicas dos mesmos. “O principal objetivo da nossa peregrinação é assegurar que a voz dos católicos LGBTQ e a das nossas famílias serão ouvidas num

momento em que há muita atenção aos temas da família na Igreja”, afirma Marianne Duddy-Burke, diretora de uma destas organizações.

Como costuma acontecer nestes casos, estes grupos encontram eco significativo na imprensa. Mas a realidade é que muitas outras organizações e fiéis que defendem a doutrina da Igreja mobilizam muitas mais pessoas.

Por outro lado, Fr. Frank Pavone, diretor da Priests for Life, uma organização de sacerdotes em defesa da vida, declarou a importância do Papa Francisco se referir a este tema. “Embora não seja assim, as pessoas podem pensar que o Papa se está a esquecer do aborto. Por isso, o nosso papel é insistir com cortesia sobre a prioridade de defender os não nascidos”.

M. C.

Os bispos perante a administração Obama: acordos e desacordos

Os bispos norte-americanos e a Administração Obama têm mantido duros debates em torno do direito à vida, do casamento ou da liberdade religiosa. Mas também tem havido pontos de encontro a propósito da reforma migratória, da luta contra a desigualdade e a pobreza ou a melhoria da saúde para todos, assuntos nos quais os bispos têm estado mais próximos dos democratas do que dos republicanos.

A promessa de Obama de eliminar certas restrições ao aborto na campanha presidencial e o seu historial de votações como senador, motivaram a posição da Conferência Episcopal após a sua vitória em 2008: colaboração em muitos temas, mas sem concessões na defesa da vida.

Precipitaram-se os bispos? A resposta chegou nos dez primeiros dias do seu mandato, quando Obama levantou o veto ao financiamento federal para organizações que promovem o aborto no estrangeiro. E menos de dois meses depois, suprimiu os limites ao financiamento federal das investigações com células estaminais embrionárias.

Obama recorrerá a seguir à retórica do “terreno comum” entre defensores e adversários do aborto. Mas viu-se rapidamente que a sua cordial mensagem não excluía o apoio a um dos lados do debate. “Nunca pudemos imaginar que um presidente pudesse elogiar o trabalho da Planned Parenthood com tanto orgulho e perante tantos milhões de pessoas” declarou, em 2012, uma das suas dirigentes.

A conceção do casamento foi outro dos grandes debates em que a administração democrata e os bispos entraram em choque. As iniciativas saídas da Casa Branca desde fevereiro de 2011, revelaram o empenho de Obama em legalizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo, um processo que

culminou em junho último com a decisão do Supremo Tribunal dos EUA de legalizar os casamentos gays em todo o país.

Reafirmar a liberdade religiosa

Os bispos deram-se conta rapidamente de que as mudanças na conceção do casamento podiam abrir a porta a possíveis ações legais contra as pessoas e as organizações que, alegando motivos de consciência, se negavam a prestar os seus serviços em casamentos gays.

A premonição revelou-se acertada. E, por isso, apoiaram os congressistas que começaram a promover iniciativas legais em defesa da liberdade religiosa, como a Marriage and Religious Freedom Act, ou a exigir a manutenção das já existentes, como a Religious Freedom Restoration Act de 1993.

Outra batalha chave em torno da liberdade religiosa foi o chamado “mandato anticoncepcional”, a norma do Ministério da Saúde que obriga os empregadores – a princípio, também as instituições de inspiração religiosa – a financiar às suas empregadas um seguro de saúde com anticoncepcionais, pílula do dia seguinte e esterilização.

Um sistema migratório justo e humano

Mas isso não significa que os bispos se oponham em bloco ao projeto de reforma da saúde, pois defendem que ninguém fique sem atendimento médico por falta de seguro de saúde. Kathy Salie, diretora de Desenvolvimento Social Nacional da Conferência Episcopal, salientava em 2009: “Estamos de acordo em que ninguém deveria ser abandonado simplesmente por cair doente. Esta é a razão pela qual os bispos têm vindo a trabalhar durante décadas para conseguir um atendimento médico digno para todos”.

Outro grande tema de acordo com a administração Obama foi o empenho por impulsionar uma reforma integral das leis de imigração, bloqueada pelos republicanos do Congresso desde os tempos de Bush Jr. Neste ponto, os bispos tiveram palavras muito firmes a favor de um sistema migratório justo e humano, fazendo-o com marchas e pregações a partir do púlpito.

Obama encontrou a mão estendida em muitos outros assuntos, que vão desde os programas de ajuda aos pobres, a promoção do emprego e do salário mínimo, ou as medidas para que todos tenham uma habitação digna, até à atenção perante a mudança climática, passando pelas numerosas intervenções contra a pena de morte e a intercessão a favor dos presos de Guantánamo.